



## D. Clotilde Mateus

Distinta poetisa e ilustradora de  
"O Avô," onde a sua arte é uma  
admiravel revelação  
de talento e delicadeza

Braga, 10 de Novembro de 1928

DIRECTOR E EDITOR

Joaquim Antonio Pereira Villela

# Ilustração Catholica

COMPOSTA E IMPRESSA NA TIPOGRAFIA DA PAX -- BRAGA

NUMERO 346 — ANO VII

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «Ilustração Catholica», L.da

# Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

(Pagamento adiantado)

PORTUGAL, MADEIRA E AÇORES :

Ano. . . . .	60\$00
Semestre . . . . .	30\$00
Trimestre . . . . .	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despesa

ESTRANGEIRO E POSSESSÕES ULTRAMARINAS :

Ano. . . . .	80\$00
Semestre . . . . .	40\$00
Trimestre . . . . .	20\$00
Numero avulso . . . . .	1\$50

Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á  
Administração da *ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA* — BRAGA

Telefone, 212

## CONVIDAM-SE OS CATOLICOS . . .

que pretendam comprar *artigos religiosos*, a visitarem a

### CASA DE S. JOSÉ

168, Rua das Flores, 170 — PORTO

para apreciarem o seu sortido completo em *terços, medalhas, estampas, crucifixos, livros de missa, etc.*, e avaliarem os seus preços de *revenda e propaganda*.

Vendas por junto, de Diplomas das Filhas de Maria, Oleografias de todos os tamanhos, Redomas, Crucifixos do Perdão, patentes e medalhas do Apostolado da Oração, etc. etc.

#### ATENÇÃO

Em troca da seguinte senha brinde terão os nossos clientes 10% de desconto de 10% em toda e qualquer compra efectuada a dinheiro em nossa casa, desconto este que será convertido em quaisquer artigos religiosos à sua escolha!

Senha-brinde DA \_\_\_\_\_  
**Casa S. José**  
 FUNDADA EM 1896  
 168, R. das Flores, 170 — PORTO  
 Esc. ....  
 Data: .....

Escreva um postal á Casa de S. José,  
preguntando preços e instruções.

## LIMA, FILHÃO & C.ª L.ª DA

*Grandes Armazens da Caixa de Credito Bracarense*

Rua 5 de Outubro, 48 a 56 — Telefone 31 (1.º andar)

**BRAGA**

Operações de Crédito — Compra e venda de todos os artigos — Ourivesaria e Relojoaria. Deposito de Máquinas de costura. Fazendas de lã e algodão, fato feito etc. Especialidade em CAPAS ALENTEJANAS



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA



Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º

Propriedade da Empresa «Illustração Catholica».

Braga, 10 de Novembro de 1928

Composta e impressa na Tip. da «PAX»  
BRAGA

Anno VII — N.º 346



## SÉ DE BRAGA

Fachada e torre do sec. XVIII, construção do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles. Galilé do sec. XV, obra do Arcebispo D. Jorge da Costa

(Fot. Chic de Alberto Marques)

# Cronica da Semana

— Saragoçanismo politico —

VELHOS almanaques, daquele periodo meio de ignorancia, meio de experiencias, que foi o fim da meia idade não podiam deixar de prestar favor ás opiniões do seu seculo: um pouco de cabala, um pouco de astrologia.

Nem espiritos argutos desse tempo permaneceram totalmente imunes: quanto mais a vulgaridade desses fazedores de calendarios! Da inspecção, feita com pitoresca seriedade, de aspectos planetarios, saltava vivo o horoscopo: — Sol em Dancer era bem nefasto aos destinos do homem; ali a Lua brindar-lhe-hia favores.

Norteados por estas e semelhantes illusões, o fabricante de almanaques prenunciava muito serio, não só o estado da atmosfera, que com certa verosimilhança se pode prever, aproximativamente, com um ano, ou mais, de antecedencia, mas até sucessos fortuitos ou de ainda hoje desconhecida correlação com as leis naturais. Os almanaques de ha quatro seculos dizem-nos muito serios: «ha-de haver um tufão; um terramoto; um incendio». — «Chegarão novas de uma cidade sitiada; sairá um homem do governo». E assim pelos mais.

E' claro que tais profecias como essas, e melhores tambem nós fazemos: dia 10 de Dezembro, — ha de haver um tufão: — dia 17, um homem de governo fará uma viagem: — dia 24 muita gente comerá bacalhau. Vão ver como saem certas as predições. A 10 de Dezembro mau será se não faz um vendavalsito em qualquer parte da terra; a 17, sempre algum estadista deve viajar e a 24... Bem: adiante!

Esta introdução e exordio vem para lhes dizer que se ainda fossem moda os horoscopos dos almanaques, tinha dado no vinte o saragoçano que profetisasse mudanças de governo para principio deste corrente novembro. Já não foi só a do portugês, que nenhum dos nossos leitores desconhece a esta hora: foi tambem uma grande modificação no governo espanhol, e as quedas do romano e do francês; não falando já numas outras pequenas modificações politicas em paizes da Europa, da America latina e na Africa do Sul. Parece que os governos do mundo estavam todos apostados a modificarem simultaneamente a sua composição.

Destas recomposições a mais retumbante, pelos motivos que lhe deram causa, foi a do governo francês. Os radicais, por motivo de um artigo da lei orçamental que deveria permitir a entrada de congregações religiosas, fizeram sair do gabinete os seus filiados, abrindo assim a crise.

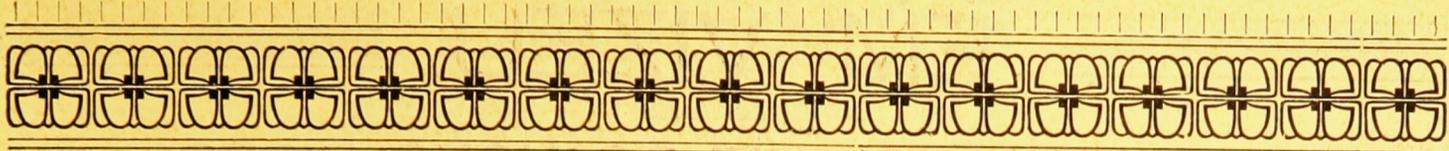
A França tem estado um pouco agitada, por influencia das questões religiosas. Ao se inaugurar uma estatua de Combes, um grupo de rapazes da *Action Française* mutilaram o busto, originando-se desse modo um conflicto com a policia que, disparando, matou um dos manifestantes. Sem que tenha uma relação directa com a crise, este successo não foi totalmente extranho ao desenrolar da crise.

Entre nós tambem o governo apresentou a demissão: a opinião publica não o esperava, nada lhe fazia prever. Só os mais entendidos na astrologia politica inferiam de certos sinais que passam despercebidos ao vulgo a proximidade da recomposição ministerial.

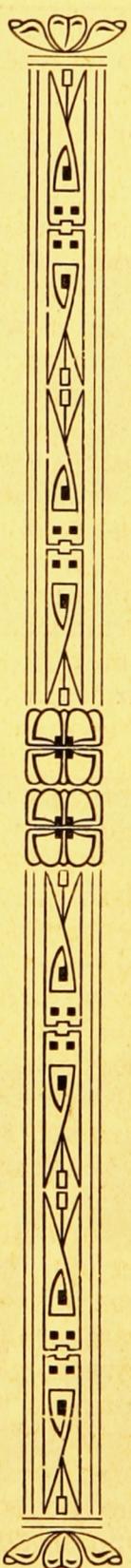
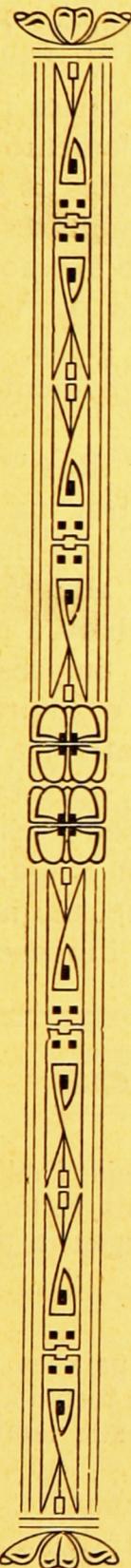
A opinião nas primeiras horas, perturbou-se algum tanto, buscando saber o que passava. A' hora porem a que vamos tomando estas notas, já a Nação está plenamente tranquilizada, porque uma nota officiosa lhe dá a certeza de que ficarão no ministerio o sr. coronel Vicente de Freitas, que está organisando o governo, e o sr. dr. Oliveira Salazar que continua a gerir a sua pasta das finanças.

A mudança ministerial portugêsa é, pois, somente uma modificação accidental de alguns titulares, para retemperar e dar novo ar ao gabinete. As pastas caracteristicas, permanecem. Semelhantes modificações fazem, quando entendem conveniente o Marquez de Estella e Mussolini.

Bem. Se algum astrólogo predissesse no seu almanaque: «mudança de governo» tinha acertado. E se acrescentasse que o Estado continuava melhorando, possuindo cada vez mais vitalidade e força não se enganaria tambem. Os planetas — façamos agora de cabalistas — estão em excelentes aspectos. E' um horoscopo de saude e de ventura, de gloria e de esplendor. O paiz vai possuir a riqueza e a felicidade.



# Invocação ao Anjo da Guarda



Anjo meu, da minha infancia  
Companheiro tão gentil,  
Do meu berço onvi-te os canticos,  
Foste a flor do meu Abril.

Trocaste o esplendor do Emyreoo,  
A presença do Senhor,  
Para aqui, no val de lagrimas,  
Seres o meu defensor !

Choras se padeço, e as magoas  
Vejo em breve dissipar ;  
Trouxe-me celeste balsamo  
Esse desvelo sem par,

Se desfaleço, confortas-me  
Chamas tua à minha cruz ;  
E as amortecidas palpebras  
Vens abrir-me à eterna luz.

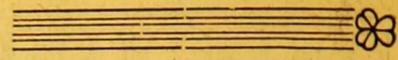
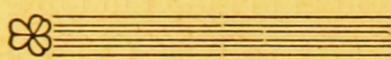
Esconde com as azas candidas,  
Escuda o teu pobre irmão  
De mil seducções malévolas,  
Que sempre o perseguirão !

Tenho a esperança nos teus jubilos ;  
No teu braço, a minha fé ;  
Neste amor, fraterno vinculo,  
Que da terra já não é.

E quando às soidões do tumulo  
Me arrojara a morte, então  
Ai ! minha alma, aos céus, sem mácula  
Manda-a tu numa oração !

Nesse dia, immortal hospede,  
Em que deixas lucto e dor,  
Leva-me contigo, entrega-me  
Nas mãos do meu CREADOR !...

LÚIS FILIPE LEITE.



## ENTRADA SOLENE DO NOVO BISPO

No dia 15 do mez de Setembro, ultimo, fez a sua entrada solene, na sua diocese, o novo Bispo de Viseu,

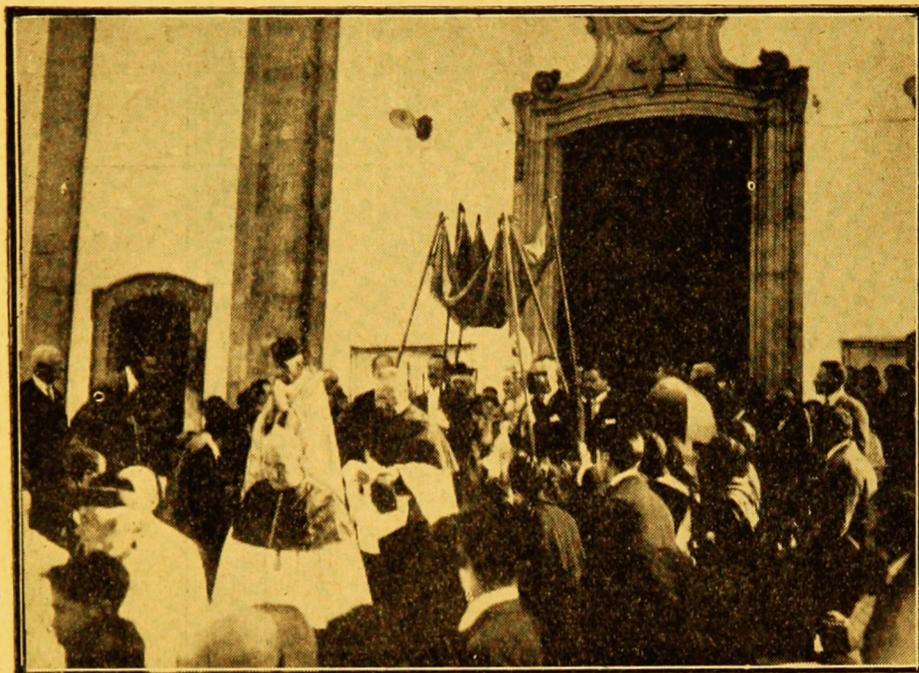
o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor D. José da Cruz Moreira Pinto.

O acto, revestiu grande solenidade. Assistiram alem de todas as corporações religiosas da cidade de Viseu e representações de varias partes da diocese, o elemento official, assim como todas as autoridades civis e militares, e o povo em numero extraordinário.

A cidade de Viseu, revestiu-se de galas, para receber, condignamente, o seu novo Bispo.

Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>, pouco depois de entrar na sua Sé, falou aos seus diocesanos, fazendo um admirável discurso, que deixou a mais viva e agradável impressão em todos os que o ouviram.

A « Illustração Catholica », saúda o novo Bispo de Viseu, apresentando a Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> os seus respeitos, e desejando-lhe uma vida longa, no seio dos seus diocesanos que, tão nobremente, o receberam na sua diocese.



VIZEU — A entrada solene do Exc.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Bispo D. José da Cruz Moreira Pinto. O cortejo saindo da igreja do Carmo.

(Fot. de Alipio Vicente)



O Exc.<sup>mo</sup> Snr. Bispo de Viseu debaixo do palio, seguindo o cortejo

(Fot. de Alipio Vicente)

---

### Pensamentos

Não julgueis que seja facil encontrar um amigo; mas se estais certo de o possuides, fazei toda a diligencia para nunca o perderdes.

\*

Satisfazer as suas paixões e os seus caprichos à custa da sua fortuna, é loucura, satisfazê-los à custa da sua familia é falta de honradez.

\*

O mundo é o que deve ser para um ente activo, isto é fertil em obstaculos.

\*

Uma injustiça feita a um só é uma ameaça feita a todos.

As lágrimas são um dom de Deus que no-las concedeu como balsamo precioso para as nossas dôres, como suave conforto nos nossos sofrimentos, como banho místico e prodigioso que purifica e lava a alma das suas culpas, volvendo-lhe a primitiva pureza.

— Quem não sentiu o triste mas dôce balsamo das lágrimas que a saudade nos faz verter sobre a campa mal cerrada do Ente querido que na vida perdemos, ainda mesmo quando a esperança cristã no-las suavisa com a pia crença de que voltaremos a reunir-nos no Céu?

Mas... chorando com o amantíssimo Jesus que, sumamente bom e compassivo, também chorou como *homem* junto do tumulto do seu amigo Lazaro, a quem ia ressuscitar como *Deus* testemunhando assim a onnipotencia do Eterno Pai que o enviava — as nossas lágrimas são como que a essencia da prece fervorosa que fazemos, a qual com elas, ao Céu se evola implorando a bema-venturança e o descanso eterno para o Sêr estremecido cuja saudade no-las faz derramar!

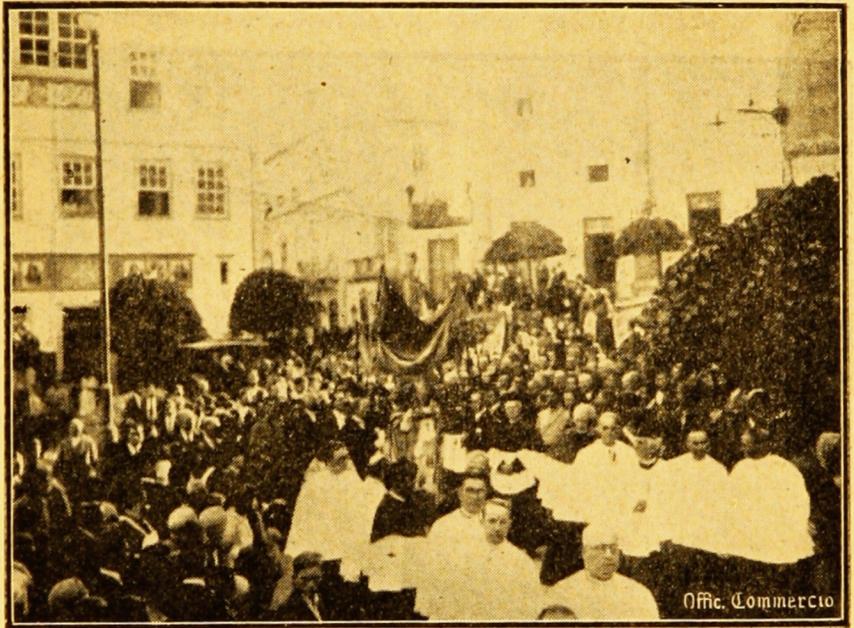
\*

As lagrimas do arrependimento e da contrição! — lágrimas por excellencia benéficas e sublimes que a misericordia divina por uma celestial e inapreciavel dádiva, nos faz chorar, e que se convertem no banho salutar que lava a alma de todas as suas máculas restituindo-lhe com a graça do Senhor, a pureza baptismal!

Magdalena foi pecadora... mas chorou... tornando-se por isso a Discipula amada de Jesus; a Penitente bendita cujo exemplo admirável tantos penitentes constrictos atraíu para Deus,

e a tantas almas purificadas pelas lágrimas, tem aberto e continuará a abrir as portas do Céu!

— Chorou S. Pedro... e as suas lágrimas tão amargas, ficaram e permanecerão no Tesouro da Santa Madre Igreja como preciosa prece para implorar a misericordia do Senhor e obter o Seu perdão para os pobres pecadôres que ainda não sabem chorar ou cujas lágrimas não são bastantes para lhes



Ainda outro aspecto da entrada em Vizeu do Exc.<sup>mo</sup> Snr. Bispo

(Fot. de Alipio Vicente)

lavarem as numerosas e negras manchas da multidão dos seus pecados, alcançando-lhes a contrição que santifica, e os dons sobrenaturais que lhes fazem merecer o Céu!

\* \* \*

As lágrimas... as lágrimas que se choram oculta e silenciosamente como *desabafo único* duma dôr que de todos se esconde e que pungente e dolorosamente se reprime!...

Se não fossem essas lágrimas salvadoras embora ocultas, que a Deus nos elevam porque *só* Ele as vê e delas se compadece, quantas e quantas vezes, o nosso coração ficaria esmagado sob o pezo do seu íntimo e ignorado sofrer!

Quantas e quantas vezes, o espírito mais forte caindo em pavoroso desalento, chegaria a sucumbir!

\* \* \*

Lágrimas há de tão inefável consolação, que se tornam mais gratas e comovidamente venturosas para o nosso coração do que os próprios sorrisos mais alegres e jubilosos! . . .

— Há lágrimas ainda que significam preces . . . que nos avigóram a Fé . . . que nos fazem desabrochar a Esperança! . . .

As lágrimas — sempre as lágrimas! — são apanágio do homem desde



MISSÃO PORTUGUESA DE S. JERONIMO DE MAGUDE  
Um vista da Missão

que nasce até que morre e suas companheiras *inevitáveis* desde o berço até ao tumulto!

\* \* \*

Valorisemos pois as nossas, unindo-as às que Jesus chorou do Presépio até ao Calvário e às de sua e nossa Mãe Santíssima, — principalmente às que em mortal agonia, por nós derramou aos pés da Cruz!

E chorêmos, sim, — já que não podemos evitar a *Dôr*, que por qualquer forma que seja, se nos há-de fazer sentir —.

Mas que as nossas lágrimas sejam de cristãos que resignadamente aceitam

os sofrimentos, abandonando-se à Vontade de Deus — porque crêem e confiam na promessa de Jesus que lhes transforma as lágrimas em penhor de eterna glória:

« Bemaventurados os que choram porque eles serão consolados ».

MARIA DA CONCEIÇÃO FONTES.



## — Soldados benfazejos —

O soldado português é generoso e bemfazejo por indole. Se algumas vezes comete malfetorias é porque treva, ou porque há falta de disciplina.

Na ultima primavera, quatro soldados dum destacamento que fazia a guarnição em certa vila da nossa bela Extremadura, se dirigiram a uma taberna; porém, quando já iam para entrar, afim de beberem a sua pinga, depararam com uma pobre mulher que se lastimava pelo seu infeliz estado.

A's perguntas que um deles fez à boa mãe de familia, respondeu ela que tudo lhe ia mal, por quanto seu marido estava doente, havia muitos meses, e era tempo de cavar a sua vinha, mas que não tinha com que pagar a quem lhe fizesse aquele serviço.

Era quasi meio dia; os quatro militares tinha saído de serviço e estavam de folga naquele e no dia seguinte. Olharam uns para os outros e se compreenderam. Em breves momentos despem as suas jaquetas, e, cada um com a sua enxada, se vão para a fazenda, e aí cavam com todo o cuidado até às quatro horas da tarde. No dia seguinte, assim que cumpriram as obrigações de soldados, ei-los caminho da sua empreitada, a qual deixaram pronta.

— O' patrôa, disseram eles entrando em casa da mulher, está cavada a sua vinha; Deus lhe dê tão boa colheita como nós lhe desejamos.

— Olha, é o cabo Serra! disse um deles vendo o dono da casa assentado num banco, com cara de pouca saúde; coitado! como está amarelo!

— Adeus ó 59; disse o doente; Deus te pague e aos camaradas o bem que acabais de nos fazer.

— Não há que agradecer. Se a gente soubesse que era o meu cabo

Serra, ainda de melhor vontade lhe teríamos feito este fraco serviço. Emquanto nós aqui estivermos está a nosso cargo a sua fazenda.

A boa da mulher não sabia o que havia de dizer, tão confusa ela se achava.

Deus compensará os *soldados benfazejos*, que valeram ao seu camarada na ocasião critica.

## BISPO DE BRAGANÇA

Saudação Pastoral proferida por Sua Exc.<sup>a</sup> Reverendíssima aos seus diocesanos, por ocasião da entrada solene na diocese, no dia 11 de Outubro.

(CONTINUAÇÃO)

Quando um dia, esgotado numa lida insana de conquistar almas para Deus e dedicações para a nossa pátria, desamparado de tudo, cai desfalecido, lá numa ilha longínqua, sente-se ainda assim feliz, porque a sua mão descarnada empunha sem embargo a sua querida espada — a cruz bendita; e, ao exalar o último suspiro, poderá ainda pousar nela complacentemente os olhos amortecidos e mais uma vez apertar ao peito com ternura e beijar com emoção o seu fiel companheiro e confidente de sempre — o seu crucifixo...

\* \* \*

Escola de santidade, arma de apóstolos, que por isso a linguagem cristã apelida de «soldados da cruz», o instrumento providencial da nossa Redenção, «no qual Jesus Cristo suportou os nossos pecados» (I Pet., II, 24) e «encravou o quirógrafo do decreto escrito contra nós, depois de o rasgar e destruir» (Col., II, 24), a fim de que, «mortos para o pecado, vivamos para a justiça» (I Pet., II, 14), estava naturalmente destinado a constituir o primeiro centro de irradiação daquela suprema beleza moral que o Cristianismo veio trazer ao mundo e que os cultores apaixonados da arte cristã passarão a revelar e divulgar em suas telas e esculturas geniais.

E, como quer que a arte ocidental, an-

tes do IV século, geralmente se contentasse com simbolizar a cruz nos epitáfios das catacumbas, e, nos quatro primeiros séculos, desconhecesse o crucifixo, é contudo fora de dúvida que, assim na literatura das idades heróicas do Cristianismo, como depois da paz constantiniana, a cruz, trono onde subiu o Redentor do mundo, e tantos dos seus apóstolos, e donde reina sobre as almas, sempre foi saudada amorosamente como a suprema esperança e a âncora de salvação dos cristãos, e, logo desde os primeiros tempos, não podia deixar de andar bem gravada, com o crucifixo, nas almas robustas daquelas gloriosas gerações, das quais era como que o distintivo: — *signum cui contradicetur*.

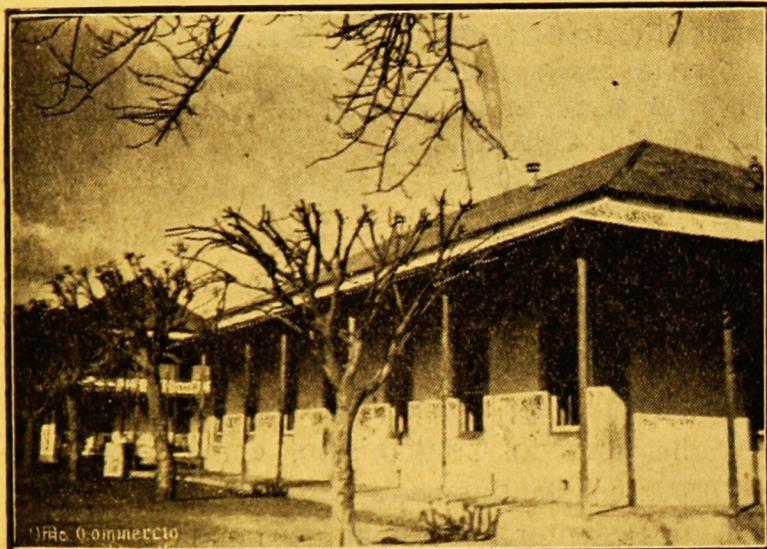
Assim que, desde o século VI S. Fortunato, cantando em seu hino festival, *Vexilla Regis prodeunt*, o triunfo de Cristo na cruz, ideia em que a Igreja assistirá no hino *Victimae paschali* e na sua liturgia, e em que abundam os poetas cristãos da época, vai-se fazendo eco dos sentimentos comuns e vai fornecendo e preparando os elementos de inspiração aos artistas medievais que, a partir do século X, se dedicaram preferentemente a representar o triunfo de Jesus Cristo crucificado.

Foi por aí que, depois que saíu das catacumbas, ensaiou seus passos a pintura e a escultura cristãs. Jesus Cristo, vivo, de

olhos abertos, em atitude calma e digna, os braços majestosamente estendidos na cruz, a cinta cingida de uma larga banda, na frente, em lugar da coroa de espinhos, um diadema real...

E' o triunfador, que, do alto do madeiro do seu suplício, convertido em trono de luz e pedestal de realeza, domina, segundo a sua promessa, as almas redimidas com o seu sangue.

E tãda a arte bizantina que, do século X aos meados do século XIII, adorna os vitrais dos templos com as scenas emocionantes da Paixão, compraz-se em desenvolver



MISSÃO PORTUGUESA DE S. JERONIMO DE MAGUDE  
Escola e Residencia

habitualmente êste tema, tão caro e tão tocante, em traços certamente duros, ingênuos, mas de uma suavidade e majestade de expressão que vivamente impressiona, por não ser terrena senão tãda celeste.

Sob o influxo do estigmatizado do Alverne e dos seus filhos penitentes, a quem o santo Patriarca pegara o fogo do amor à cruz do sofrimento, a segunda metade do século XIII e os séculos seguintes até aos meados do XVI, vêm surgir uma falange de talentosos artistas que, à imagem do triunfador, substituirão, na cruz, a imagem do sofredor; ao Rei pacífico, o Homem-das-dores, antevisto por Isaías. Ao «Cristo truin-fante das primeiras idades que, unindo o pensamento do resgate ao da realeza, arrastara, atreladas ao carro vitorioso da cruz, legiões de almas vigorosas, mais activas geralmente que contemplativas, subjugadas pela sua majestade divina, será dõravante

substituído o Cristo paciente que, contemplado simultâneamente pelos olhos do corpo e pelos do espírito, irá enamorar e galvanizar em seu divino amor ascetas, fundadores de ordens, virgens do claustro,... uma pléiade de almas ardentes e místicas, inebriadas pela «loucura» da cruz e pelo sangue que mana abundante das chagas do crucificado.»

Duas escolas de pintura, a úmbria e a florentina, vão durante êste período arvorar no templo da arte o crucifixo paciente, de que S. Francisco e seus filhos espirituais se constituíram arautos.

E é então que, após os ensaios de *Cimabue* (1240-1302), (que, entre os quadros com que adornou em Assis a tumba do santo Patriarca, nos deixou uma crucifixação), o sublime *Giotto* (1266-1337) rompe definitivamente com a tradição bizantina, substituindo a regidez pela leveza e elegância, e ao drama do Calvário consagra, especialmente, o seu grande talento de artista.

E' então que o inspirado dominicano *Fra Angelico* (1387-1455), o consagrado pintor da cruz, (superior porventura, em suas concepções, aos insignes artistas seráficos que, com tanta expressão, representaram na tela as scenas do Alverne e do Calvário), dispõe com inexcedível carinho, «por tãda a parte», no seu convento de S. Marcos, em Florença, a Jesus crucificado. E que expressão a daqueles Cristos saídos da paleta dum artista que amassava as suas tintas com lágrimas, porque *Fra Angelico* não sabia pintar a Jesus Cristo na cruz sem que dos olhos seus brotassem as lágrimas, como se presente fõra ao drama sangrento do Calvário!

E' então que *Perugino* (1454-1524), com enternecido amor, passa à tela, ao lado das suas angélicas «Madonnas», a figura suavíssima do Salvador cravado na cruz do supplicio. Que sôpro divino aquele que anima o seu celebrado fresco do claustro de Santa Maria Madalena de Pazzi, em Florença! No meio, o Salvador, com expressão divinamente bela, suspenso entre o céu e a terra; a seus pés, a Madalena; depois, a SS. Virgem, com a dõr dilacerante estampada no

rosto meigo e compungido; S. João, S. Bento e S. Bernardo...

E' então que, além dos Alpes, *H. e J. van Eyck*, *Roger van der Weyden* (1435-1489), *Hans Memling* (1425-1494), *A. Dürer* (1471-1528), e quantos mais chefiaram ou seguiram o gôsto das escolas alemã e flamenga, se compraziam em pintar, com sublime expressão de dôr, a Jesus Cristo crucificado e a Mãe-das-dores.

E se, desde o meado do século XVI, o renascimento trouxe, com a preocupação da forma e do decôro, o enfraquecimento da idea religiosa, afogada em realismo humano, e a conseqüente decadência da arte genuinamente cristã, ainda assim merecem um lugar à parte na galeria dos artistas da cruz, porque lhe consagraram, com notável sucesso, os primores do seu privilegiado talento, na Flandres os dois artistas de génio superior, que foram *Pedro Paulo Rubens* (1577-1640) e o seu ilustre discípulo *A. van Dyck* (1599-1641), e na Espanha *Diogo Velasquez da Silva* (1599-1660), de ascendência portuguesa.

Depois... o materialismo e com êle a noite na arte religiosa do crucifixo, onde apênas um que outro astro isolado brilha aqui ou além, mas não consegue romper a escuridão do conjunto.

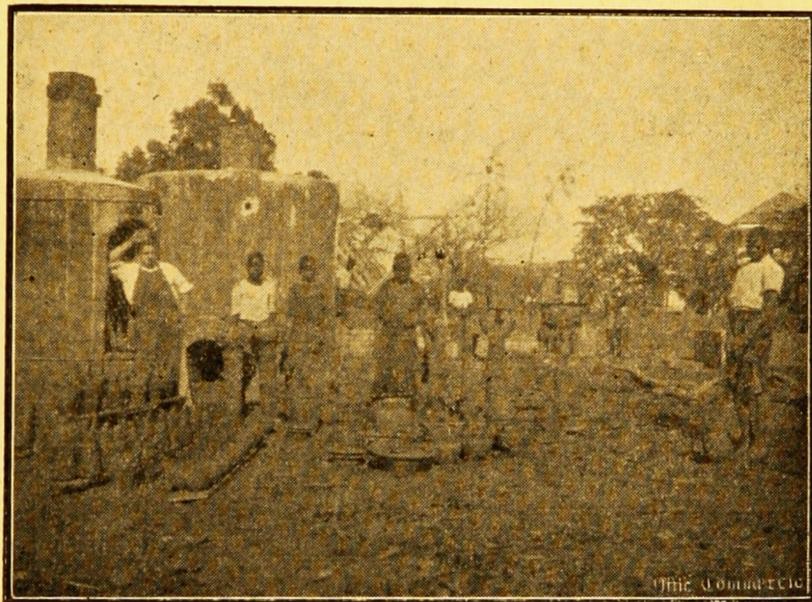
Importantíssima foi também a homenagem que à cruz renderam, no curso dos séculos, a arquitectura, que a tomou para plano das catedrais, a escultura e a ourivesaria. Por mão destas artes foi a cruz colocada, como soberana rainha das almas, nos templos e fora dêles, por tôda a parte: — no lugar proeminente do altar do sacrificio, no arco triunfal e na portada dos templos, no tesouro das catedrais, donde sairá em triunfo pelas ruas e praças publicas a guiar as procissões, nos palácios dos príncipes e nas choupanas dos pobres.

E a história da arte regista com desvanecimento as obras-primas do famoso *Benevenuto Cellini* de um *Donatello*, de um *Brunelleschi*, e de um *Verocchio*, o laureado mestre de Leonardo de Vinci, que tanto trabalhou em favor da educação artística dos seus concidadãos, entronizando os seus

Cristos, radiantes de beleza, nas casas dêles, especialmente nas habitações dos pobres, os quais assim procurava chamar a êste espiritual banquete de formosura e de arte, irmanados com Cristo, que o Salmista canta como o esplendor ideal da beleza, pela qual subjuga e reina nas almas: — «Com a tua beleza e com a tua formosura caminha à frente e reina».

\* \* \*

Santificada pelo sacrificio do Homem Deus em favor da humanidade, a cruz, outrora ignomínia e suplício de escravos, uma



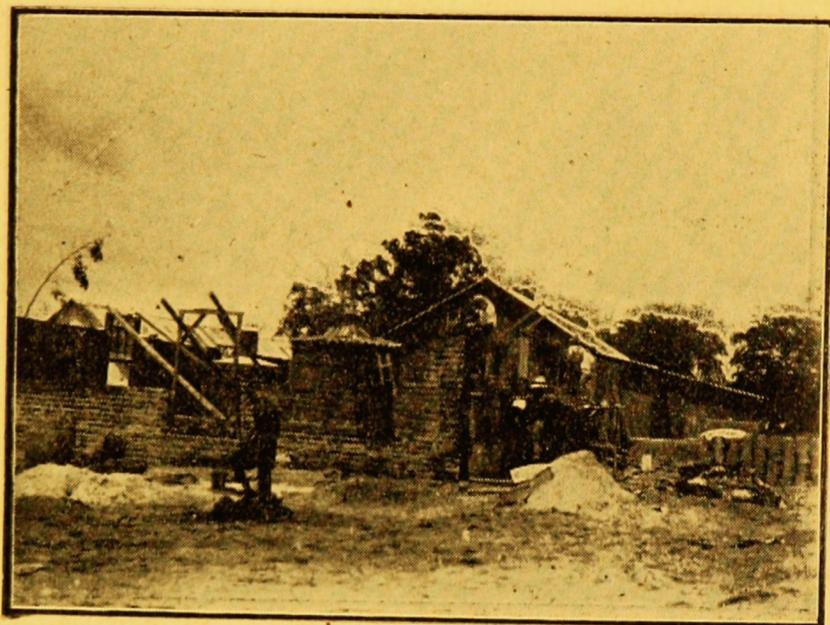
MISSÃO PORTUGUEZA DE S. JERONIMO DE MAGUDE  
Trabalhos de Olaria

vez exaltada ao som da vitória nos lábaros imperiais, será, como divisa duma nova civilização, arvorada dôravante nos estandartes romanos e nos edificios públicos; gravada nas medalhas, nas moedas, no bronze e na prata; recamada de pedrarias, adornará a frente dos reis e os adereços do patriciado; e dia virá em que, esmaltando o peito dos heróis e dos patriotas, constituirá o símbolo consagrado da bravura e do patriotismo, virtudes que ela, como nenhum outro, gera, fomenta e sublima.

A pátria, que não é sòmente a terra onde nascemos, o nossa paróquia, o nosso concelho, o nosso distrito, o nosso país, mas também os seus encantos e amores — o amor dos pais, o amor da família, o amor dos concidadãos, o amor do nosso lar, da nossa igreja, da nossa religião, da nossa língua, da nossa história, da nossa civiliza-

ção, dos nossos vivos e dos nossos mortos, a quem nos prende a saúde e a continuidade de um passado que, a bem dizer, se não interrompe, mas se prolonga pela história além, numa obra de solidariedade espiritual, que diríamos una e indestrutível,— a pátria cristã não pode ter outro fundamento que não seja a cruz, porque só esta é capaz de cimentar todos êstes amores para que sejam perduráveis, leais e não fementidos, só esta a todos exprime, a todos abraça, a todos sobrenaturaliza, a todos dá sentido.

Nem outra coisa era o que, falando da nossa terra, queria significar o grande Pon-



MISSÃO PORTUGUEZA DE S. JERONIMO DE MAGUDE  
Trabalhos na fabrica de Olaria

tífice Leão XIII, escrevendo estas formosas palavras no sua carta *Pergrata Nobis*, de 14 de Setembro de 1886, dirigida aos Bispos e aos Católicos portugueses: — « Os vossos antepassados arvoraram com grande veneração e confiança nas antenas dos vossos barcos e nos vossos campos de batalha, juntamente com o estandarte das Cinco Chagas de Cristo, insígnia do vosso povo, o sacrossanto lábaro da cruz, para dar a entender que as suas brilhantes vitórias, de fama imorredora, as alcançaram não tanto pelo esforço das suas armas, quanto pela virtude da cruz».

Tão pouco queria significar outra coisa, com seus versos másculos, perfumados de suavíssimo patriotismo, o nosso poeta, quando entoava este lindo hino à cruz, que êle, embora já um tanto *mutilada*, encontra

hasteada por tôda a parte, do norte ao sul da sua querida pátria: —

« Amo-te, ó cruz, no vértice firmada  
De esplêndidas igrejas :

Amo-te, quando à noite sôbre a campa,  
Junto ao cipreste alvejas ;

Amo-te sobre o altar, onde, entre incensos,  
As preces te rodeiam :

Amo-te, quando em préstito festivo  
As multidões te hasteam ;

Amo-te erguida no cruzeiro antigo,  
No adro do presbitério,

Ou quando o morto, impressa no  
ataúde,  
Guias ao cemitério ;

Amo-te, ó cruz, até, quando no vale  
Negrejas triste e só,

Núncia do crime, a que deveu a  
terra  
Do assassinado o pó :

Porém quanto mais te amo,  
O' Cruz do meu Senhor,  
E', se te encontro à tarde,  
Antes do sol se pôr,

Na clareira da serra,  
Que o arvoredado assombra,  
Quando à luz que fenece  
Se estira a tua sombra,

E o dia ultimos raios  
Com o luar mistura  
E o seu hino da tarde  
O pinheiral murmura.»

(Continua).

O homem se julga sempre mais do  
que é, e se estima mais do que vale.

\*

O que faz a vida feliz? Sabermos que  
nos podemos sorrir quando chegar a morte

# A raposa e o burro

UM leão, carregado de anos e de todas as enfermidades da velhice, vivia em tanta penuria que teria morrido de fome se lhe não valesse um rapoza, que por muitas vezes teve a honra de comer os sobejos da meza do rei dos bosques, no tempo em que ele estava em pleno goso do seu poder.

A rapoza presenteava-o, todos os dias, ora com um coelho ora com uma perdiz; mas ele, acostumado a outros alimentos mais solidos, queixava-se amargamente do estado, a que se via reduzido. A rapoza condoia-se dele e, um dia, atreveu-se a aconselhal-o a que saísse uma noite da cova e fôsse ver se nos bosques encontrava algum potro ou vitela, com que matasse os desejos. O leão foi franco para ela e confessou-lhe que já não tinha forças para apanhar animais tão valentes e que as suas maiores aspirações, nessa ocasião, era comer um burro, para ver se recuperava as forças perdidas.

— Mas!... exclamou ele, nem a tão pouco chegarei, porque o homem, meu eterno rival, domesticou-os todos e guarda-os bem guardados.

Respondeu-lhe então respeitosa-mente a rapoza: «Não se aflija, vossa magestade por isso; tratarei de trazer um ruço, que conheço de vista; e, em paga, só lhe peço que me deixe para mim as patas e orelhas, porque, de vez em quando, faço abstinencia de carne gorda».

O leão deu-lhe a sua real palavra de deixar-lhe todas as extremidades do jumento para que fizesse penitencia, e a rapoza partiu logo a pôr mãos á obra.

Algumas vezes tinha ela lobrigado, nos arredores duma povoação, o burro dum aguadeiro, e foi para ali que se dirigiu.

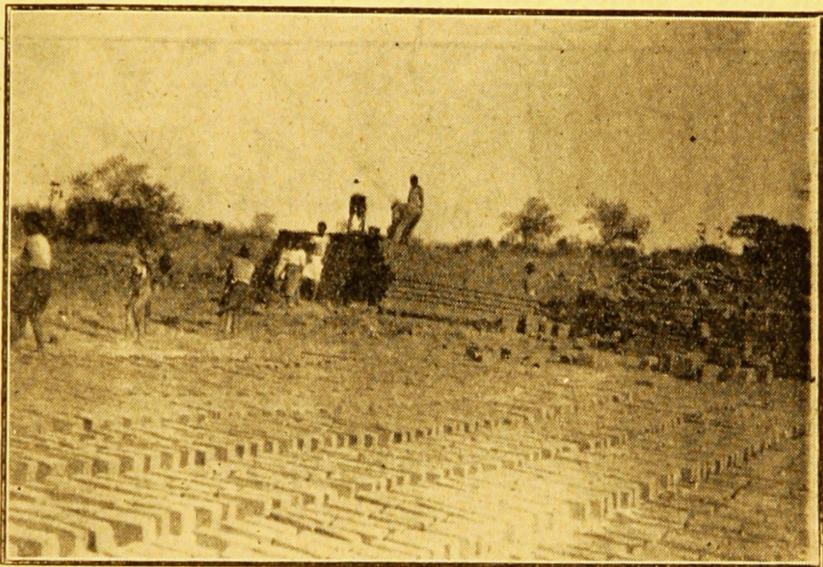
O caso é que teve logo a fortuna de encontrar o jumento e muito pensativo. Dirigiu-se a ele com ares de compaixão e disse-lhe:

— Muito sinto, senhor Asno, que esteja tão triste e de orelhas caídas. Que é o que tem?

O burro, como nunca em sua vida tinha sido tratado com tanto respeito e afabilidade, deixou cair da boca um cardo, que estava comendo, e respondeu com um suspiro:

— Estou cansado de viver, minha amiga, não posso continuar com a triste vida que me dão. A minha negra sorte fez-me cair nas mãos dum galego aguadeiro de maneira que, desde o romper da manhã até altas horas da noite, ando sempre carregado

com quatro grandes cantaros de agua; sustento com o suor do meu corpo a ele e á sua familia e mesmo assim não me dá nada de comer aquele tirano, e á noite arruma comigo para aqui, onde não aparece cousa que preste; algum maldito cardo meio sêco e cheio de bicos. Se uma doença me vem pela porta, paulada é o remedio que me dá; ora, a dizer a verdade, não sei que idéa os homens fizeram de nós, porque, quando vem sobre nós uma bordoadada, que nos faz vergar para a esquerda, descarregam logo outra que nos faz tocar para a direita; e, se dão terceira, é contar com a quarta, porque contra nós é tudo aos pares. Nem sei o que hei de fazer; se soffro tudo com paciencia, diz logo o meu verdugo que sou um bruto es-



MISSÃO PORTUGUEZA DE S. JERONIMO DE MAGUDE  
Fabrico e enforma de tijolo

tupido; se prégio a minha parelha de couces, é um diluvio de pancadas sobre mim. E ainda se estas me caíssem na anca, vá, porque as tenho já muito calejadas com a muita paulada que tenho levado; mas é quasi sempre na cabeça que me descarrega as maiores, pondo-me os miolos a arder. Ora com estes tratos querem que um burro tenha entendimento! Ah, senhora Rapoza, se vossemecê estivesse só um mez em poder dum aguadeiro, veria em quanto perdia a sua sagacidade, que tanto celebram.

— Acredito-o; volveu a rapoza, e é por isso que ainda tenho mais zanga aos homens do que aos cães. Mas porque sofre vossemecê, senhor Asno, tanta tirania? Porque não deixa esse endiabrado, vendo-se aqui, todas as noites, solto?

— E para onde hei de eu ir, não me dirá? exclamou o pobre jumento. Bem sabe que toda a minha raça está escravizada; por desgraça nossa, temos a reputação de sermos os animais menos inquietos e mais soffredores, mais trabalhadores e baratos do

mundo; de maneira que todo aquele que precisa de nós, não tem mais do que lançar-nos a mão onde quer que nos encontra.

— Mas porque não muda de dono?! continuou a rapoza.

— Não sei para que, replicou o jumento; os homens são todos o mesmo. Já fui algum tempo dum cigano, e a principio tratou-me muito bem; mas depois deu-lhe na mania fazer-me tão ligeiro e vivo como um potro, picando-me barbaramente no espinhaço. Passados tempos, levou-me a ver mundo até que me trouxe a uma feira, que se faz perto deste povo, e aí me vendeu ao meu cruel amo, que agora tenho. Lá as nossas fêmeas são mais felizes do que nós, porque, muitas vezes, chegam a ser amas de leite e então é vida regalada; mas cá nós

— Devo-lhe muitos favores, amiga, e, se quer montar-se na minha anca, com muito gosto a levaria até onde me guie.

— Muito agradecida, voltou a rapoza; não aceito, porque meus pais ensinaram-me, quando comecei a tratar da vida, que não me fiasse nunca senão nas minhas pernas, porque nelas é que estava a minha segurança; e os pais, quando se separam dos filhos, dão-lhes sempre bons conselhos.

Chegaram de manhã ao deserto. A rapoza aconselhou ao burro que devia apresentar-se ao rei dos bosques para lhe prestar homenagem, oferecendo-se ela para fazer a apresentação.

— Eu pensava, atalhou o burro, que não havia rei numa terra de perfeita liberdade.

— Que ignorante jumento é vossê! replicou a rapoza; pois não sabe que não ha terra, em que não governe alguém com um titulo qualquer?! Espere aqui, enquanto eu vou saber a hora, que sua magestade escolhe para lhe dar audiencia.

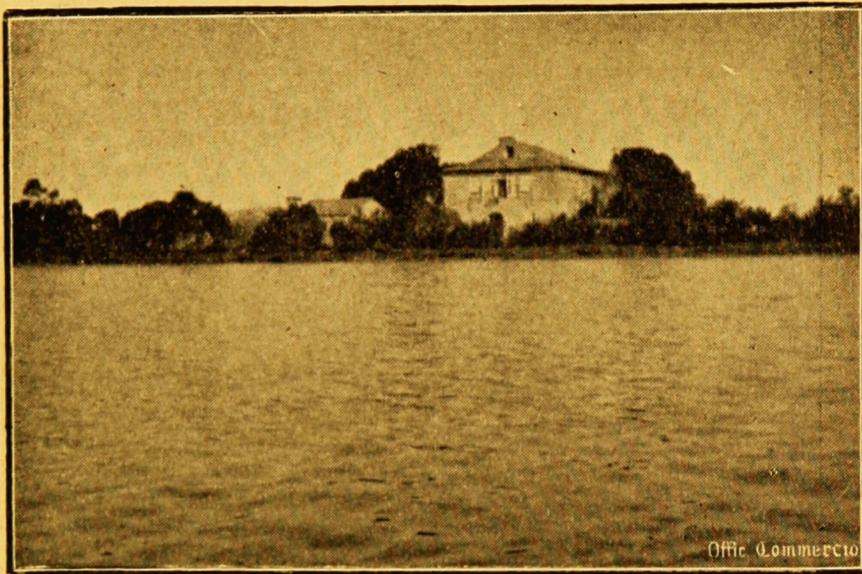
Volta a rapoza e diz ao burro que a seguisse para o apresentar ao rei, que estava morto por vel-o. Ainda o jumento não tinha acabado de entrar na cova do leão, quando este lhe salta em cima, mas estava tão fraco que não teve forças para o segurar. O burro conheceu em que lençoes estava metido e sem mais nem menos préga dois formidaveis couces e desata a fugir, correndo sem parar até voltar aos arredores da povoação, em que vi-

via, maldizendo por todo o caminho a liberdade dos bosques e resolvido a carregar agua, toda a sua vida, a comer cardos e sofrer as pauladas do aguadeiro.

Passados dias, encontra-o a rapoza e pediu-lhe perdão do que tinha acontecido, querendo convencel-o de que sua magestade não desejava fazer-lhe mal, mas só experimentar se ele tinha coragem e robustez para o encarregar do governo duma provincia; finalmente declarou-lhe que ele teria já um bom emprego, se não tivesse fugido tão cobardemente.

— Acredito, respondeu o burro; mas cá a minha sina é mais para obedecer do que para mandar, e dou-me melhor com o cacê-te de meu amo do que com as garras do teu rei.

O mesmo acontece aos que, não contentes nunca com a sua condição, desejam trocar-a por outra, movidos pela vã esperança de encontrarem uma posição, em que não haja nem trabalho nem mortificações.



AVEIRO — ILHA DE SAMA — Propriedade do snr. Jacinto Agapito Rebocho

os burros sômos sempre muito desgraçados.

— Pois visto isso, senhor Asno, siga vossemecê o meu conselho: livre-se de tão grande escravidão e venha comigo viver em liberdade, unico estado de felicidade neste mundo. Hei de leva-lo a um deserto, onde terá pasto aos montes; já para lá teem fugido muitos dos da sua raça. Ali é que se vive bem e com segurança; não fazem senão comer, retouçar ou estenderem-se ao sol.

O burro, seduzido por estas palavras, endireitou as orelhas, abriu as ventas, e começou a respirar com mais alegria do que o tinha feito em toda a sua vida.

— Amiga Rapoza, disse-lhe ele, depois de ter zurrado contente; guie-me a esse deserto, em que não ha homens; estou resolvido a ser livre o resto da minha vida.

— Acompanhe-me então, respondeu a rapoza, mas não se ponha a zurrar, porque podem ouvil-o e vir apanhal-o.

Muito contentes da sua vida partiram a rapoza e o burro para a terra da liberdade. No caminho disse-lhe ele:

## Saloias lavadeiras A partida

Ah! ó primo António, o tal senhor morgadinho ainda não dará hoje alguma cõsa à conta . . .

— Então porque diz isso prima?...

— Eu sei cá. A Maria demora-se tanto . . .

— Aquilo é que está ainda a dormir.

— Pois o diabo do home há-de estar ainda na cama! é perto de meio dia!

— Ora! vomecê, sabe lá! . . . Estes fedalgos deitam-se tarde com'ós diabos . . . Andam lá p'l'as danças té que horas. Nada, o home paga desta vez, lá por isso fico eu . . . Pois ele não há-de ter vergonha da zaribanda que lhe dei da outra vez? . . . E' verdade que cá na cedade não se repara para isso.

— O diabo seria o home, se a minha Maria não viu ainda daquele palintra as cruces ó dinheiro.

— E' que nesse caso, ia-mos lá pôrmos à porta, e em q'anto não pagasse p'ra li tudo com lingua de palmo, não nos vinhamos de lá embõra . . . O' prima, vomecê era capaz de m'acompanhar, pois não era?

— Olé se era! e capaz . . .

Estas e outras considerações estava a velha a fazer com o seu primo Antonio, quando o aparecimento de um vulto que apontava no fundo da rua, caminhando apressado, cortou a palavra à velha Josefa (era este o seu nome), e lhe fez abrir uns grandes olhos.

Era a suspirada Maria, que voltava da casa do tal morgadinho.

Depois de um momento, em que a velha abrindo muito os seus rasgados olhos, apurou ao mesmo tempo o ouvido, os dois personagens pareceram socegar um pouco.

E' porque, como a rapariga vinha

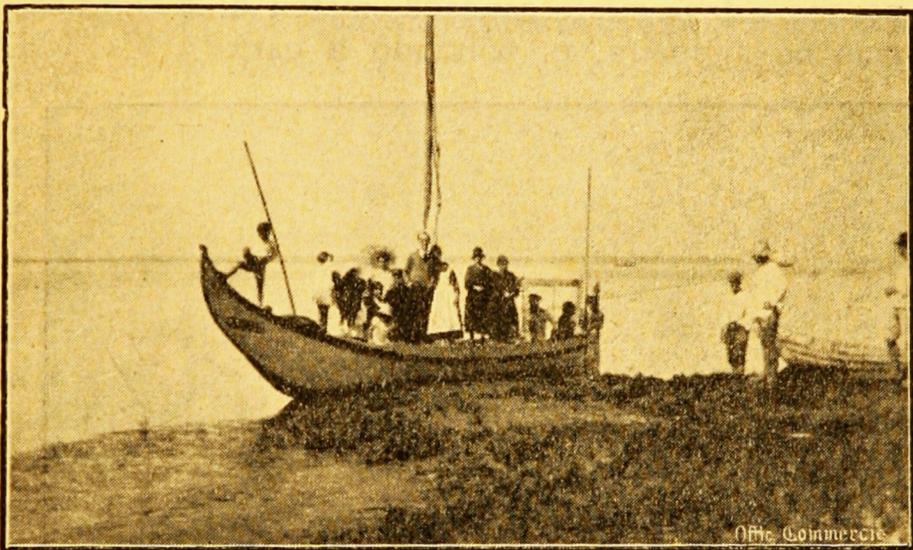
a correr, as suas grandes algibeiras oscilavam, e quando lhe batiam nas pernas teniam.

— Pagou? exclamou a velha Josefa, suspendendo a respiração, mal se aproximava a sua Maria.

— Ora pois não havia de pagar: tudo.

Tudo!? Pagou tudo, Maria? Ah! Maria, acrescentou respirando largamente, tiras-te-me um nó que tinha aqui na garganta.

— Custou com'ó diabo. O alma de chixarro q'ria só pagar metade, mas



AVEIRO — Nos arredores da Ilha de Sama

eu cá é que não estive p'rá i virada. Poz-se-me cá com muita lábia . . . « Ah! senhor, escusa-me de estar cá com cõsas que não seja pagar o que me deve, e tudo, tudo, que não estou pr'a cá voltar outra vez, a andar de Pilatos p'ra Hirodes e d'Hirodes pr'a Pilatos, ouviu? Há-de me dar hoje tudo quanto me deve, senão não me vou daqui embora, nem por q'antos santos há.» O demónio q'ria conversar comigo.

— Dá cá, deixa ver se está certo, ou se te deu algum pataco falso, que o dinheiro daquela gente não é lá muito bom . . . E vocês, ólé! acrescentou a velha lavadeira olhando com arreganho para os outros filhos, uma rapariga e um rapaz, tóca, tóca a amarrar essa roupa toda p'ra montar já, e ir-mo-nos embora . . . Ouves, Joaquim? Leve-te o diabo, maldito, que nunca te fargas de dromir! . . . Eu te levanto a lazeira e

te faço levar a riba com aquella vara!..

— An, an . . . dá cá, dá cá, deixa ver se está certo ou se te deu algum pataco falso! . . . respondeu Maria toda estimulada. Vómeçê, também, acrescentou, modificando-se e tomando o ar sentido de amuo, está-me cá sempre a fazer com penera nos olhos . . . Está certo, está simsinhor, e não trago cá nenhum pataco falso . . . An, an . . .

— O' Maria, olha que t'ensino a rezar o padre nosso . . . Deixa ver, Maria . . .

E Maria, encostando-se ao burro, porque estava muito cançada, meteu a mão na algibeira, e, voltando a cara



AVEIRO — Nas proximidades da Ilha de Sama — O snr. Dr. Luiz Roque Machado, os seus dois filhos e D. Maria Luiza Tavarêde, e o snr. 1.º Tenente de Marinha Jacinto Rebocho.

para o lado, como fazem as crianças quando estão amuadas, começou a tirar os cobres, dizendo a cada porção que dava à sua desconfiada e impertinente mãe: — Aí tem, veja . . . veja . . .

Por ora ainda a velha Josefa conta o dinheiro, revê os patacos, e faz as suas contra-provas pelos dedos; mas daqui a alguns minutos irá já, com a sua melindrosa Maria, com o seu dorminhoco Joaquim, com o seu destemido primo, outra filha, e o seu burro, cujas orelhas arribitadas acusam bem o impaciente pue está por se ver em casa.

Deus permita que voltem cedo, para socego e consolação dos fregueses, cuja roupa lhes não pesa no corpo.

## Livros recebidos

### *Terras de Amor . . .*

E' este o titulo dum livro de que é auctor o snr. Jaime Franco. E' um volume de 166 páginas, magnificamente impresso em excelente papel.

Lêem-se neste volume umas admiráveis descrições de viagem, em que o auctor, em estilo muito fino, elevado e delicado, nos apresenta as maravilhas dos seus passeios por várias localidades do nosso país.

Ali encontramos nas suas notas de viajante, a descrição dos monumentos de Braga, as suas belezas naturais, o Bom Jesus e o Sameiro.

Fala-nos do Minho, dos festejos sanjoaninos em Braga, acompanhando as suas impressões com curiosas notas históricas.

Escreve o inteligente auctor, com graça e elegancia de forma, os costumes de Braga, e as suas festas sanjoaninas.

Vê-se que o Snr. Jaime Franco, escolheu a ocasião da visita à capital do Minho, no mês de Junho. Soube bem aproveitar o seu tempo. Reconhecemo-lo, e com muito agrado o

afirmamos. Contem o livro um admirável prefácio ou apresentação feita pelo sr. Jorge Guimarães umm.

Agradecemos a oferta dum exemplar do belo livro.

### O MILHAFRE, O TORDO E O CAÇADOR

Quais setas ligeiras cortavam os ares um milhafre e um tordo; este fugindo e aquele perseguindo; e, no seu voar desatinado, foram cair na rede dum caçador. Este, dizendo-lhe o milhafre que o deixasse, que nenhum mal lhe fizera, respondeu-lhe:

— E o tordo que mal te fez?

## O primeiro furto

(FABULA)

Um mancebo inexperiente viu belas, rubras maçãs num pomar. Ficou logo delas namorado, e, sem mais pensar nem ponderar, as consequencias, trepou o valado e saltou dentro.

Porém ainda mal tinha colhido o primeiro pomo e o levava á boca, quando lhe saltou com furia horrivel um cão, que era guarda da fazenda; e com tal impeto e força lhe avançou, que o moço se viu caído em terra. Era agil e valente faz esforços e se levanta, e, podendo lançar mão duma enxada, que ali estava, tambem dirigido foi o primeiro golpe atirado, que num momento vê o fiel guardador a seus pés estendido.

Aos latidos, que o cão dera, e que o éco da encosta ainda repetia, acode o dono todo apressado, e quando vê revolver-se banhado em sangue o seu querido e fiel companheiro, trespassado de dôr e cheio de raiva por se ver ofendido e maltratado na sua propriedade, aponta contra o infeliz mancebo a sua espingarda, dá ao gatilho e a bala parte sibilando.

No estado de excitação, em que foi feita a pontaria não pôde o tiro acertar, e o infeliz mancebo, vendo-se vivo, quando só podia reputar-se morto, alça novamente a enxada, corre sobre o pobre fazendeiro, descarrega-lhe o golpe fatal, com que o estende a seus pés!

Confuso e estupefacto é colhido junto das suas victimas, levado para a cadeia, sem lhe valerem as lagrimas do tardio arrependimento.

Em vão se esforça por fazer persuadir a justiça de que sua intenção nunca fôra praticar tamanho mal; é condenado á morte e na fôrça vai expiar o seu delicto.

— Ai! por querer roubar uma maçã, disse ele ao morrer, me vejo assim proximo a morrer de morte infame, e lego a deshonra á minha familia!

Quem lêr, tome bem conta no que aconteceu a este infeliz moço, que por tão pequeno mal, que lhe parecia fazer, se viu nas tristes circumstancias de cometer males maiores e sofrer-lhes as tristes consequencias.

## FARTAR RAPAZES

D. Alvaro Vaz de Almada, conde de Arronches, achando-se na batalha da Alfarrobeira e sabendo que tinham morto ao infante D. Pedro, tio del-rei D. Afonso V de Portugal, quiz vingar bem a sua morte e não sobreviver a tão bom amigo, e assim, recolhendo-se ao seu alojamento, a esforçar-se com alguns bocados, saiu logo a pé em campo aberto com a espada na mão, fazendo tal estragos nos inimigos, que nenhum deles o acometeu duas vezes, porque o mesmo era dar-lhes que matal-os; até que cançado disse em alta voz ao seu mesmo corpo: *Bem vejo que já não podes mais; e tu, ó alma minha, já tardas.*

E com isto se deixou estender no chão. Mas porque o espirito todavia ainda estava em pé, disse para os inimigos, que eram inumeraveis sobre ele: *Fartar rapazes!* E logo seu corpo foi feito em miudas postas. *Bernardes, Nova Floresta, tomo 1.º titulo VIII.*

## O Santo e o Taberneiro

Foi um taberneiro queixar-se a S. Vicente Ferreira de que muitos dos seus freguezes lhe levavam o vinho fiado e não faziam caso de lh'o pagar, se não mal, tarde ou nunca, e pediu que falasse o santo no pulpito sobre esta materia pois era de consciencia. Disse-lhe o santo: — Trazei-me aqui do vinho que vendeis.

Levou o taberneiro uma porção de vinho, que o padre aparou no seu escapulario dizendo: vazai aqui.

O homem hesitou, mas o santo insistiu dizendo:

— Vazai, que assim convem ao vosso negocio.

Vazou o vinho, e este se escoou abaixo deixando em cima a agua que lhe estava misturada. Então o santo disse: ó irmão, se vós assim furtais, que quereis que vos restituam?

# ANECDOTAS HISTORICAS

Hoje já não se acredita nos salvadores da patria; eles estragaram o officio.

\*

Receio mais um exercito de cem carneiros comandados por um leão do que um exercito de leões dirigido por um carneiro.

\*

Passamos a vida a dizer: « mais tarde! » e a ouvir dizer: « muito tarde! »

\*

O meio mais seguro de sermos enganados é julgarmo-nos mais perspicazes do que os outros.

\*

Se alguém vos disser que não é de nenhum partido, podeis estar logo certos de que ele não pertence ao vosso.

\*

Quando uma sociedade não póde crear um governo, a este cumpre crear uma sociedade.

\*

Quando visito uma capital, há sempre quem me afirme que é aquella a cidade mais corrompida da Europa. E é sempre exacto.

\*

Alguem apresentou a Voltaire uma das suas admiradoras, dizendo ao grande escritor:

— Eis dois belos olhos aos quais fizestes derramar muitas lagrimas.

— Eles se vingarão em outros, declarou ele.

\*

Charles Nodier, encontrando um dia Flourens, seu confrade da Academia Francêsa, disse:

— Como sabe, Balzac apresenta-se...

— Não creio; ele não fez ainda as visitas...

— Sim, já me pediu o voto.

— E' curioso! Eu não o vi...

— E' que talvez não creia que o meu colega pertence à Academia, insinuou Nodier.

\*

A alguem que lhe mostrava os poemas religiosos de Racine filho, Voltaire disse:

— Ele poderá fazer os peiores versos, isso não impedirá que o pai tenha sido um grande poeta.

\*

Na epoca em que se jogava no Palais-Royal, em Paris, o conde de Sénart, tendo ganho 1.500 luizes, que trazia no chapéo viu alguem que, risonho, se aproximava dele.

— Caro amigo, queira emprestar-me cem luizes.

— Eu o farei, se disser o meu nome.

O outro calou-se.

— Já vê o meu *caro amigo* que teria muita dificuldade de me encontrar, para me restituir essa quantia.

\*

Em 1847, numa sessão da Academia Francesa, era eleito Empis, e, dois mezes depois, Ampère.

Durante a ultima sessão, e após o escrutinio, Lamartine enviou por um criado a Victor Hugo, estes dois versos:

*C'est un état peu prospère,  
D'aller d'Empis en Ampère!*

Victor Hugo escreveu em baixo, devolvendo o papel ao seu illustre colega:

*Toutefois, ce serait pis  
D'aller d'Ampère en Empis!*

\*

Quando a lingua trabalha muito, as mãos não fazem nada; é como o tambor que faz muito barulho sem fazer obra alguma.

\*

Mais vale calar que mal falar.

\*

Não penseis no que sois nem no que tendes sido, mas sim no que deveis ser e no que não sois; e depois dizei-me se podeis ser orgulhosos.

\*

O céu está em toda a parte, onde está Deus; no meu coração se eu o desejo e só eu sei gosar da sua presença.

\*

O direito e o dever são como as palmeiras que não dão fructo senão nascem uma perto da outra.

\*

Dizia o cura d'Arzanno que nunca tinha conhecido ninguem que se tivesse empobrecido ou arruinado por dar esmolas.